

Rede¹

Lívia ALVES²

Rodrigo Gomes de OLIVEIRA³

Roberto RASSI⁴

Álvaro FILHO⁵

Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, Goiás.

RESUMO

O trabalho consiste em apresentar uma fotografia artística, que visa criticar o comportamento das pessoas da modernidade líquida, do afastamento gerado pela globalização e apropriação de comportamentos falaciosos sobre eles mesmos. O conceito inserido aqui fundamenta a ideia de que as pessoas estão presas a redes do que a sociedade os impõem, deixando de ser felizes e agirem como querem, tendo sido produzida por alunos do 6º semestre da graduação de publicidade e propaganda da PUC Goiás inseridos na disciplina de produção e criação em TV.

PALAVRAS-CHAVE: Fotografia artística; modernidade líquida; comportamento social; globalização;

1 INTRODUÇÃO

Avaliando um contexto histórico e observando o comportamento do ser humano em sociedade, podemos afirmar que o século XXI é o século da imagem, porque, todas as relações sociais estão mais rasas como defende Bauman (2001), quando diz que vivemos num período conhecido com pós-modernidade líquida, onde tudo é mais rápido, instantâneo e agorista. Além disso, a globalização que se instaura após a guerra fria com a derrubada não só do muro de Berlim, mas dos muros da ignorância e da informação, dá acesso a tudo cada vez mais rápido e imagético. Com isso, esse trabalho mostra como alunos do então 6º semestre da graduação de publicidade e propaganda da PUC Goiás inseridos na disciplina de produção e criação em TV, escolheram através de uma fotografia artística comunicar um problema presente na vida de muitas pessoas: a opressão e o preconceito.

¹ Trabalho submetido ao XXIII Prêmio Expocom 2016, na Categoria Produção Transdisciplinar, modalidade Fotografia Artística.

² Aluna líder do grupo e estudante do 7º. Semestre do Curso de publicidade e propaganda da Escola de Comunicação da PUC Goiás, email: livia_de_oliveira04@hotmail.com.

³ Estudante do 6º. Semestre do Curso de publicidade e propaganda da Escola de Comunicação da PUC Goiás, email: rodrigogomesdg@gmail.com.

⁴ Estudante do 7º. Semestre do Curso de publicidade e propaganda da Escola de Comunicação da PUC Goiás, email: robertorassipp@gmail.com.

⁵ Orientador do trabalho. Professor do Curso de publicidade e propaganda da Escola de Comunicação da PUC Goiás, email: professor@alvarofilho.com.

Durante o processo de concepção do trabalho o grupo dividiu os esforços em algumas etapas, que consistiram em: buscar teoricamente e através de uma observação uma justificativa plausível para a existência do trabalho, ou seja, ver que realmente esse assunto precisa ser discutido e propaganda com objetivo de amenizar o fato social. Após isso, foi identificado o melhor método de propagar as ideias do grupo, assim, o grupo identificou que trabalhar com imagem através de fotografia daria uma maior abertura e recepção por parte do receptor, que está cada vez mais instantâneo.

Por conseguinte, o grupo começou o processo de produção da fotografia, que consistiu em criar o conceito que daria vida as ideias pré-estabelecidas, assim, os mesmos decidiram trabalhar com a ideia de rede, rede como algo que pode prender, fazendo assim uma metáfora com a rede de pesca. Após isso, foi estabelecido quem seria a modelo, qual seria o figurino, a maquiagem e a locação para o registro da fotografia. Ao registrar a fotografia, o grupo começou a fazer a pós-produção, ou seja, a manipulação e ajustes da imagem para passar a mensagem necessária.

2 OBJETIVO

Esse trabalho tem como objetivo figurar as pessoas que estão presas a esse modelo social imposto. Assim, as etapas aqui descritas visam mostrar como a ideia se formou, de que tipo de observação ela partiu e como foi contextualizada no cenário atual, para que a peça final possa impulsionar as pessoas a mudarem seus estilos de vida e de enxergar o mundo.

3 JUSTIFICATIVA

O preconceito existe em todos os âmbitos da sociedade atual. Partindo desse pressuposto, é possível perceber como o advento da globalização pós guerra fria e da internet em seguida fizeram com que as janelas do mundo se abrissem, e conseqüentemente, também para o preconceito. Dessa forma, as pessoas passaram a enxergar o mundo que estava a sua volta com outros olhos, acompanhando tudo e vendo tudo.

Essa possibilidade de comunicação afastou as pessoas fisicamente, como discute Bauman (2001), mas aproximou as imagens que as pessoas passam umas para as outras. Nesse sentido, a vontade de obter a aceitação dos padrões da maioria se tornou algo ainda mais impalpável, porém muito mais almejada por esses seres agoristas.

Na linha desse raciocínio, as pessoas entram em zonas de conforto de suas próprias imagens. As mentiras que tentam passar através do que mostram ser, não só na sociedade digital, mas sim em todos os âmbitos de relações sociais, ajudam a robustecer esse cenário e afundar cada vez mais esses seres em suas mentiras e na prisão social que a globalização trouxe.

Esse trabalho vem para romper com essa zona de conforto. Tendo como objetivo apresentar essa realidade, desconstruir o cenário e propor um novo modelo de figuração do ser, a fotografia artística produzida aqui quer impulsionar cada uma das pessoas, que estão presas nas redes que os impedem de ser quem elas são, a se libertarem e alcançarem o que quiserem sem sentir medo ou fraqueza.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Existem milhares de coisas à volta do ser humano que chamam a atenção todos os dias. A vontade de registrar isso é o que culminou na fotografia, que Sontag (1977)⁶ aponta ser colocar algo em relação com o mundo, foi o método aplicado à produção desse trabalho. Com isso, o grupo teve a possibilidade de desenvolver um material que não só mostrasse todo o conceito que desejava passar, mas que chamasse a atenção e fizesse o interlocutor se enxergar na situação descrita na imagem.

A linguagem da fotografia é contínua para Barthes (1993)⁷, assim ela precisa de interpretação de quem observa, contando com todas as percepções cognitivas dessa pessoa que vê a fotografia. Assim, é possível difundir ainda mais a mensagem que a fotografia artística deseja passar, uma vez que vai gerar impulsos de percepção nos interlocutores a quem o conceito propõe uma mudança de comportamento.

Para agravar ainda mais a necessidade desse formato para passar a mensagem que deseja a sociedade está em um século imagético. Isso significa que, além de textos, sons e qualquer outro formato que a mídia e a globalização disponibilizam, o ser humano ainda é muito acionado por imagens.

⁶ SONTAG, Susan. *Sobre Fotografia*. São Paulo: Companhia Das Letras, 1977.

⁷ BARTHES, Roland. *Mitologias*. 9.a ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1993.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

5.1 CONCEITO DA FOTOGRAFIA

Essa fotografia que possui concepção artística busca inconscientemente expressar a sensação interna de um ser humano que sofre opressão ou preconceito por tentar representar sua verdadeira identidade, independente dos padrões propostos pelo senso comum ou até mesmo pela atitude científica. O que inspira a estética e o conceito dessa fotografia é uma rede de pesca. A rede de pesca é usada na prática da pesca esportiva e da caça a peixes e ela consegue prender muitos animais ao mesmo tempo, sendo impossível se libertar quando se está dentro de uma rede. Então a rede, para esse trabalho, representa o local onde se encontra pessoas vítimas de agressões, sem ter uma perspectiva de liberdade.

5.2 PRODUÇÃO E PÓS-PRODUÇÃO

O primeiro passo para o início da produção fotográfica foi a criação de um planejamento que contemplasse todas as etapas do processo criativo, que se dividiu em: escolha da modelo, escolha da locação, escolha do figurino e adornos e, por último, concepção da maquiagem e cabelo. A primeira desconstrução que o trabalho buscou exercer foi na escolha da modelo que ilustraria a fotografia, pois se falando de opressão e preconceito, se espera que a representação fosse através de uma pessoa que se encaixe em algumas das minorias defendidas pelos direitos humanos, dessa forma, para não exercer esse preconceito o grupo convidou uma modelo que se encaixa nos padrões sociais e que não se espera que venha sofrer preconceito, por ser branca, heterossexual, magra e com altura padrão. E quem disse que essa pessoa não pode sofrer preconceito?! Dessa maneira, defendemos que toda e qualquer pessoa pode ser oprimida por todo e qualquer motivo, ou seja, a intolerância não escolhe pessoa nem lugar, ela apenas agride.

A locação escolhida para ser cenário da fotografia foi uma floresta de eucalipto, árvore de altura majestosa que plantada em conjunto com outras, passa a sensação de infinitude e profundidade. Dessa maneira, o grupo quis representar qual o tamanho do espaço, físico ou mental, que a pessoa após ser liberta da opressão e do preconceito pode percorrer, por isso a modelo que representa o oprimido estaria inserida nessa floresta, mas sem poder percorre-la, pois estaria presa por uma rede; eis o figurino: uma rede de pesca. Com a rede de pesca o grupo buscou apresentar as amarras que o ser oprimido tem em seu corpo ao sofrer a agressão, rede essa que não lhe dá liberdade para ser quem realmente ele é, rede essa que prende é se torna o objeto de opressão.

A maquiagem se encontra predominantemente nos olhos da modelo, onde estão desenhadas duas asas negras, voltadas para baixo. As asas que estão presas também na rede, mostra que o ser não pode evoluir e ir além, voar sob a infinita floresta de eucalipto. Os adornos, colares, anéis representam coisas que o ser vai agregando a sua imagem para tentar esconder sua verdadeira identidade e evitar a opressão e o preconceito. Por fim, com toda essa composição pronta, através de uma câmera da marca Cannon, modelo T3i, o grupo registrou a imagem.

A pós-produção foi feita pelo *software* Adobe Photoshop CS6, e consistiu em unir duas fotos da modelo, uma em close e a outra em plano geral, deixando a foto em close dentro das regras dos terços e a de plano geral com pouca opacidade, aparecendo apenas como um vulto na imagem geral. Além disso, houve também uma correção nas cores da foto, onde foi levado para um lado mais quente e lúcido.

5.3 ANÁLISE SEMIÓTICA DA IMAGEM

Para a análise da imagem, iremos observar a semiologia defendida por Barthes (1964), que consiste no levantamento denotativo, conotativo e síntese da imagem. O denotativo são todos os elementos que compõem a imagem: uma floresta de eucalipto, um gramado verde, uma mulher com maquiagem preta com imagem de asas negras nos olhos, uma rede de pesca sob o seu corpo, um cabelo embaraçado; a mesma mulher ao fundo da imagem desfocada com as mãos nos seios dentro da rede de pesca.

A segunda etapa dessa análise semiótica é a conotativa, que busca interpretar a fase denotativa no seu sentido figurado, sendo assim, segue a interpretação. Uma floresta de eucalipto: infinito e profundidade; um gramado verde: amplitude a ser percorrida; uma mulher com maquiagem preta com imagem de asas negras nos olhos: a falta de liberdade para voar, ou, a liberdade sendo representada de uma forma negativa; uma rede de pesca sob o corpo da mulher: prisão; cabelo embaraçado: caos e desordem; a mesma mulher ao fundo da imagem desfocada com as mãos nos seios dentro da rede de pesca: prisão total do corpo e das vontades, a não clareza da totalidade do ser e da sua verdadeira identidade.

Por fim, chega-se a fase de síntese, que é o sentido referencial da imagem, ou seja, o significado que as fases denotativas e conotativas entregam. Isso é identificar que essa imagem trata de um espelho social representado por uma pessoa que vive presa na desordem e na angústia e sem perspectiva de liberdade para algo infinito e profundo.

6 CONSIDERAÇÕES

O preconceito e a opressão ainda existem, sejam praticados em qualquer minoria ou em qualquer ação social, mesmo que não esteja ligada aos direitos humanos. O direito à vida, defendido na constituição federal pela ciência do direito, defende que o ser pode ter suas opções, seja sexual, intelectual ou em qualquer outro nível e pressupõe pela harmonia social que essas escolhas sejam respeitadas. Esse trabalho buscou refletir acerca do ser humano oprimido e excluído, e quão grande é a angústia de se estar preso e não poder expressar sua identidade.

Além disso, as percepções acerca da importância da imagem e os signos e símbolos que a mesma pode carregar foi observado pelo grupo como um método de comunicação importante para a transmissão de mensagem mais sérias sem carregar um peso textual que as vezes é necessário. Contudo, os desafios da produção fotográfica também contribuíram para a formação acadêmica dos integrantes do grupo, que além de ter que pensar em todo o conceito da imagem, se preocuparam com o planejamento e a execução da escolha da locação, modelo, maquiagem e figurino.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BARTHES, R. (1957). **Mythologies** [trans. A. LAVERS, 1973]. London: Paladin.

_____ (1964a). **Elements of Semiology** [trans. A. LAVERS & C. SMITH, 1967]. New York, NY: Hill and Wang.

_____ (1964b). **The Rhetoric of the Image: Image, Music, Text** [trans. S. Heath, 1977]. London: Fontana.

SONTAG, Susan. **Sobre Fotografia**. São Paulo: Companhia Das Letras, 1977.

PLANALTO. **Constituição da República (1988)**.

<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm>. Acesso em: 28fev.2014, 09:31.